

Metamorfoses no projeto de Antonio da Costa Ciampa: da proposta analítica a uma teoria de identidade

Metamorphosis in Antonio da Costa Ciampa's project: from his analytical proposal to a theory of identity

Metamorfosis en el proyecto de Antonio da Costa Ciampa: de la propuesta analítica a una teoría de la identidad

*José Alves de Souza Filho**

*José Umbelino Gonçalves Neto***

*Aluísio Ferreira de Lima****

Resumo

Com o presente ensaio empreendemos reconstruir as metamorfoses do percurso de Antonio da Costa Ciampa na construção do projeto teórico do sintagma identidade-metamorfose-emancipação. Justificamos nossa proposta por situar as importantes contribuições de Ciampa para a história da psicologia ao inaugurar os estudos sobre identidade dentro da psicologia social brasileira, viabilizando articular uma teoria original. Buscamos discutir os elementos históricos e epistemológicos que implicaram na construção das discussões de Ciampa e os eventos que viabilizaram a transformação de suas ideias. Indicamos quatro fases que ilustram as metamorfoses do percurso intelectual do autor: a primeira fase, referente aos anos de seu mestrado, quando inaugura estudos sobre identidade no Brasil; a segunda fase, que compreende os anos de doutorado com a defesa da tese sobre a metamorfose da identidade humana; a terceira fase, na qual discutimos os anos de seu percurso docente na PUC-SP e o fortalecimento das análises das metamorfoses da identidade com a proposição do sintagma identidade-metamorfose-emancipação; por fim, na quarta fase,

* Universidade Federal do Ceará, CE, Brasil. E-mail: josefilhopsicologia@alu.ufc.br

** Faculdade Luciano Feijão, CE, Brasil. E-mail: jugneto@gmail.com

*** Universidade Federal do Ceará, CE, Brasil. E-mail: aluisiolima@hotmail.com

situamos as colaborações de Juracy Almeida e Aluísio Lima, com as categorias de anamorfose e reconhecimento perverso, respectivamente, na construção de uma teoria da identidade-metamorfose.

Palavras-chave: *Identidade; Psicologia Social; História da Psicologia.*

Abstract

With this essay, we aim to restore the metamorphoses of Antonio da Costa Ciampa's journey as he built the theoretical project of the conceptual syntagm identity-metamorphosis-emancipation. We base our proposition by situating Ciampa's important contributions to the history of psychology by inaugurating studies on identity within Brazilian social psychology, making it possible to articulate an original theory. We point to the historical and epistemological elements that involved the construction of Ciampa's discussions and the events that made possible the transformation of his ideas. We indicate four phases that illustrate the metamorphoses of Ciampa's intellectual path: the first phase referring to his master degree years, in which he inaugurates studies on identity in Brazil; second phase, comprising the doctoral years and his thesis on the metamorphosis of human identity; third phase, in which we discussed his teaching career at PUC-SP over the years and the strengthening of the identity metamorphoses analysis with the proposition of the syntagm identity-metamorphosis-emancipation; finally, in the fourth phase, we discuss the collaborations of Juracy Almeida and Aluísio Lima, with the categories of anamorphosis and perverse recognition, respectively, in the construction of a identity-metamorphosis theory.

Keywords: *Identity; Social Psychology; History of Psychology.*

Resumen

Con este ensayo nos proponemos reconstruir las metamorfosis del viaje de Antonio da Costa Ciampa en la construcción del proyecto teórico de la expresión identidad-metamorfosis-emancipación. Justificamos nuestra propuesta situando los importantes aportes de Ciampa a la historia de la psicología al inaugurar estudios sobre la identidad dentro de la psicología social brasileña, viabilizando articular una teoría original. Buscamos discutir los elementos históricos y epistemológicos que involucraron la construcción de las discusiones de Ciampa y los hechos que hicieron posible la transformación de sus ideas. Indicamos cuatro fases que ilustran las metamorfosis del recorrido intelectual del autor: la primera fase se refiere a los años de su maestría, cuando inauguró los estudios sobre identidad en Brasil; segunda fase, que comprende los años de doctorado con la construcción de la teoría de la metamorfosis de la identidad humana; tercera fase, en la cual discutimos los años de su recorrido docente en la PUC-SP y el fortalecimiento de los análisis de las metamorfosis de la identidad con la proposición de la expresión

identidad-metamorfosis-emancipación; finalmente, en la cuarta fase, situamos las colaboraciones de Juracy Almeida y Alúisio Lima, con las categorías de anamorfosis y reconocimiento perverso, respectivamente, en la construcción de una teoría de la identidad-metamorfosis.

Palabras clave: *Identidad; Psicología Social; Historia de la Psicología.*

Após décadas de docência e pesquisa dentro do Programa de Estudos Pós-graduados de Psicologia Social da PUC-SP, a Psicologia Social brasileira recebeu, em 2019, a notícia da aposentadoria do Prof. Antonio da Costa Ciampa. Ciampa foi uma figura de grande importância para a história da Psicologia Social brasileira, por criar um pensamento próprio sobre a identidade humana, o qual influenciou centenas de pesquisadores brasileiros (Lima, 2010; Lima & Ciampa, 2012; Souza Filho, 2017; Souza Filho & Santos, 2017). Seu trabalho ao longo de 32 anos na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) é como um cajueiro ancião, de cujo largo tronco central outros galhos se espalham, adentrando a terra e formando como que outras árvores (embora sejam todos a mesma), carregados de folhas vívidas e suculentos frutos, cobrindo assim uma grandíssima área, sendo por si uma floresta de uma árvore só.

De 1987 até 2018, Ciampa orientou¹ 87 dissertações de mestrado e 48 teses de doutorado, até sua aposentadoria. Sobre o impacto de suas obras clássicas, de acordo com os dados coletados com a ferramenta Google Acadêmico, o artigo seminal intitulado “Identidade” (Ciampa, 1984/2012), publicado no livro “Psicologia Social: O homem em movimento” (Lane & Codo, 1984/2012), já foi citado por 493 trabalhos diferentes, e o livro “A estória do Severino e a história da Severina” (Ciampa, 1987/2005) já foi citado por 1013 outros textos, sendo utilizado como referência teórica para discussões sobre a identidade humana em livros, artigos científicos, trabalhos apresentados em congressos e ensaios publicados em sites e blogs.

O alcance de Ciampa é significativo, colocando-o no cânone da Psicologia Social latino-americana, ao lado de pesquisadores como Fernando Gonzalez Rey, Maritza Montero, Martin Baró e Silvia Lane, decorrente de seu pioneirismo ao articular uma teoria sobre a identidade humana

1 Disponível na plataforma Lattes (<http://lattes.cnpq.br/9300664232564183>).

alternativa ao predomínio de perspectivas psicologistas e individualistas, frente as quais já adiantou, na década de 1970, discussões sobre alteridade/diferença e pragmática, temas tão caros à psicologia social contemporânea. Suas proposições germinaram com sua pesquisa de mestrado e, com o passar dos anos, o cajueiro ganhou robustez e vitalidade com a articulação e o desenvolvimento de um projeto teórico-metodológico enquanto perspectiva de identidade da Psicologia Social Crítica.

Com o presente ensaio, apresentaremos as metamorfoses nas proposições de Ciampa, resgatando desde suas primeiras produções até o desenvolvimento atual de uma teoria da identidade enquanto metamorfose humana em busca de emancipação. Longe de apreciar sua produção como um produto dado, desejamos resgatar as próprias condições históricas de suas discussões enquanto materialidade de uma obra construída e articulada por um autor/ator.

Trabalhos anteriores já apresentam empreitadas similares, especialmente por pesquisas epistemológicas. Gonçalves Neto (2015), em sua dissertação de mestrado, periodizou o pensamento de Ciampa em três fases: a primeira relativa ao seu mestrado, a segunda relativa ao seu doutorado e a terceira, a atual, relativa aos anos trabalhando dentro da PUC-SP. Gonçalves Neto analisa nas duas primeiras a gramática do conceito de identidade, a partir dos usos feitos por Ciampa nas suas obras. Já Souza Filho (2017) propôs outra periodização ao discutir o desenvolvimento da ideia de *Metamorfose*: gestada, inicialmente, nos anos de pós-graduação, sob orientação de Silvia Lane, com proposição do *Sintagma Identidade-Metamorfose*; passando, em uma segunda fase, pelos anos de fortalecimento do sintagma como categoria analítica da Psicologia Social Crítica enquanto professor da PUC-SP; para, atualmente, a construção de novas categorias pares à *metamorfose*, como *anamorfose* e *reconhecimento perverso*, enquanto *sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação*.

No presente ensaio, articulamos uma nova proposta de periodização da obra de Ciampa, a partir das influências e implicações das ideias e conceitos desenvolvidos ao longo de sua carreira intelectual. Assim, distinguimos pelo menos quatro fases: a primeira, relativa a seu trabalho de mestrado (Ciampa, 1977), em que desenvolve uma pesquisa sobre a

influência da ideologia na identidade dos indivíduos; a segunda, relativa à sua tese de doutorado (Ciampa, 1984/2012; 1987/2005), sobre as metamorfoses que a identidade de uma pessoa passa ao longo de sua história de vida e como o modo de vida capitalista influencia esse processo, discutindo-as por meio do sintagma Identidade-Metamorfose como categoria da Psicologia Social Crítica; a terceira (Ciampa, 1999; 2002), quando propõe o sintagma identidade-metamorfose-emancipação como horizonte histórico para as pesquisas sobre identidade dentro de uma perspectiva crítica em psicologia social; a quarta, e atual, com os trabalhos de Ciampa (2003), Almeida (2005), Lima (2010) e de outros colaboradores, os quais articulam o sintagma identidade-metamorfose-emancipação com diferentes conceitos das teorias críticas contemporâneas, e discutem processos de reconhecimento social e políticas de identidade (Souza Filho, 2017).

PRIMEIRA FASE: A IDENTIDADE E SUAS RELAÇÕES COM A IDEOLOGIA

Concernente ao seu mestrado na PUC-SP, com a dissertação intitulada “Identidade e suas relações com a Ideologia”, Ciampa (1977) analisa os atravessamentos ideológicos da sociedade capitalista, especificamente quando questiona a relação recíproca, de causa e consequência, entre indivíduo e sociedade. Segundo Almeida (2005), Ciampa inaugura os estudos sobre identidade no país, especialmente nos anos de crítica às perspectivas naturalista e utilitarista da psicologia social, preocupadas com as possibilidades de ajustamento social. Na contramão, Ciampa advogou que a Psicologia Social deveria questionar “os contextos históricos nos quais se organizam as condições reais de vida” (p. 6), tanto a nível ideológico – enquanto articulação de sentidos e significados na produção histórica do mundo capitalista – quanto a nível da estrutura das ações humanas concretas nas relações de manutenção da administração social capitalista. Sobre esses âmbitos, Ciampa apresentou dois núcleos teóricos para analisar a produção histórica dos indivíduos por sua Identidade Social: a sociologia do conhecimento de Peter Berger e Tomaz Luckmann (1974/2009) e a Teoria dos Papéis de Theodor R. Sarbin e Vernon L. Allen (1968).

Para responder à questão de “como relacionar indivíduo e sociedade?” (Ciampa, 1977, p. 19), o autor adotou a proposição de Berger e Luckmann de que se tratava de uma relação dialética compreendida pelo fenômeno da identidade. Na obra “A construção do Social da Realidade”, Berger e Luckmann (1974/2009) discutem a “realidade” e o “conhecimento” como construções sociais produzidas pela relação intrínseca entre indivíduo e sociedade. Pelo conjunto de tipificações socialmente tidas como verdadeiras dentro das práticas humanas, os autores analisam a produção dos conhecimentos pelos quais julgamos o mundo circundante enquanto realidade. “É precisamente este ‘conhecimento’ que constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir.” (1974/2009, p. 29).

Nesse contexto, a identidade aparece como uma produção narrativa/linguisticamente reconhecível, resultante das concepções de realidade subjetivamente vividas na dialética indivíduo-sociedade. Para Berger e Luckmann (1974/2009), “as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a ou mesmo remodelando-a” (p. 221). A partir desse postulado, Ciampa (1977) reconhece a identidade como uma via de crítica sobre a produção e a manutenção da realidade social nas relações dos indivíduos com a sociedade, seja pela adoção individual de uma cultura socialmente legitimada ou mesmo pelas viabilidades de transformação da própria estrutura social.

Nas acepções de Berger e Luckmann (1974/2009), a identidade, enquanto fenômeno social, expressa a luta pela sobrevivência humana na sociedade. O indivíduo adere a uma ordem social pela exteriorização linguística de sua atividade dentro de hábitos e práticas estabelecidas. Na estrutura social, as práticas individuais ganham objetividade à medida que se adequam aos *scripts* do universo simbólico das instituições.

As instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis (1974/2009, p. 77).

Segundo os autores, os papéis sociais são estratégicos na apropriação dos conhecimentos objetivos legitimados socialmente, dentro dos quais construímos biografias moldadas pelos poderes institucionais da ordem social, performando nossas individualidades por personagens reconhecidas socialmente.

Neste contexto surge o conceito de Personagem, enquanto materialidade da identidade nos modos de os indivíduos narrarem suas experiências dentro dos papéis sociais, o que será melhor trabalhado logo mais. A partir de Berger e Luckmann, Ciampa (1977) discute a conservação da realidade, por seus referenciais ideológicos, engendrada por poderes que atenuam ou neutralizam as tentativas objetivas e subjetivas de questionar a realidade, sobretudo nos pluralismos das sociedades modernas, quando os diferentes universos simbólicos estão diretamente interligados.

Para aprofundar as questões da ideologia e suas relações com a identidade, Ciampa busca a “Role Theory” de Theodor Sarbin e Vernon Allen, na qual “Cada vez mais o problema do ‘self’ passa a ser tratado sob a forma de ‘identidade social’” (Ciampa, 1977, p. 52). O texto de referência de Sarbin e Allen para essa tarefa estava na segunda edição do “*Handbook of Social Psychology*” (Lindzey & Aronson, 1968), onde esses autores apresentam um capítulo sobre a Teoria do Papel. No capítulo referido, os conceitos “self” e “identidade” se sobrepõem porque a referência às relações interpessoais – feita com o conceito de “identidade” – pressuporia a referência à relação pessoal de si mesmo – feita com a noção de “self”. Sarbin e Allen (1968, p. 522-23) afirmam: “O termo ‘self’ refere-se às inferências que a pessoa faz sobre o referente do termo ‘Eu’. É uma estrutura cognitiva e deriva da experiência passada com outras pessoas e com os objetos.”, e então eles assim definem: “Nós definimos o *self* como a experiência de identidade decorrente do intercomportar-se [*interbehaving*] de uma pessoa com as coisas, com suas próprias partes do corpo e com outras pessoas”. Já “identidade social” aparece como um conceito que se restringe apenas às relações com as outras pessoas, “um processo parte do Eu, representando aquelas cognições decorrentes dos posicionamentos na ecologia social” (Sarbin & Allen, 1968, p. 550).

Com a noção de papel, análoga ao contexto do Teatro, os autores entendem a vida social como uma encenação artística. “Papel, um termo emprestado diretamente do teatro, é uma metáfora que pretende significar que a conduta adere a certas ‘peças’ (ou posições), em vez de os atores [*players*] lê-las ou recitá-las.” (Sarbin & Allen, 1968, p. 489; tradução nossa). Os indivíduos, como os atores, devem seguir um roteiro pré-estabelecido (a vida em sociedade), expresso pelas expectativas normativas de comportamento de determinado papel, ou seja, na visão de Ciampa (1977), a expressão da ideologia. “Assim, a extensão metafórica é da vida real para o drama, e do drama para uma teoria psicológica sobre as pessoas atuando em dramas da vida real.” (Sarbin & Allen, 1968, p. 489; tradução nossa). Veremos que essa perspectiva influenciará Ciampa posteriormente, quando este empregará o conceito de Personagem na análise de narrativas de história de vida.

Sarbin e Allen também propuseram o “modelo tridimensional da identidade social”, no qual a identidade englobaria três dimensões: I – as posições do indivíduo na estrutura social; II – as avaliações do desempenho de seu papel; III – o envolvimento em que pode e/ou deve estar no desempenho dos papéis (Ciampa, 1977). Por meio desse modelo, Ciampa compreendeu a identidade pela “dependência das mudanças psicológicas significativas em relação a mudanças na interação social.” (1977, p. 66). Tais mudanças nas interações sociais são entendidas como processos de degradação (negativa) ou elevação (positiva) nas posições ocupadas. A partir daí, ele propôs investigar os efeitos da ideologia dominante em sua época nas formas de avaliar as características dos indivíduos desempenhando o papel de “pessoa”.

Ciampa (1977) viu como limitada as concepções de identidade de Berger e Luckmann (1974/2009) e Sarbin e Allen (1968), pois os conflitos de classe social ficam obscurecidos quando o papel social é “interpretado como uma visão ideológica individualista” (Ciampa, 1977, p. 72), típica de uma ideologia liberal. Ciampa (1977, p. 79) então tentou desenvolver um viés mais crítico sobre a “aquisição de posições [que] servem para preservar (ou mesmo alterar) as estruturas de poder por grupos, facções ou alianças de classe, ou por classes...”.

SUA SEGUNDA FASE: UM MODELO NARRATIVO PARA O ENTENDIMENTO DE QUE A IDENTIDADE É METAMORFOSE

Para discorrer acerca dessa questão, Ciampa optou por uma via que abordasse a própria ação dos indivíduos na construção de suas identidades por seu protagonismo como ator/autor nos contextos histórico reais de vida no mundo: a narrativa de história de vida. Pela cronologia de suas publicações no doutorado, podemos situar a articulação dessa proposta, característica da presente fase. A princípio, em “Identidade”, publicado em *“Psicologia Social: o homem em movimento”* (Lane & Codo, 1984/2012), Ciampa coloca que a questão da identidade “consiste em dizer que é a resposta que se dá às perguntas ‘Quem sou eu?’, ‘Quem é você?’, ‘Quem é ele?’”. Cada uma dessas respostas implica numa localização do sujeito.” (Ciampa, 1984/2012, p. 55, grifo nosso). Ou seja, uma relação entre sujeitos, um que interpela e um que é interpelado, um que pergunta e um que responde nas interações sociais, localizados nas definições de seus papéis.

A noção de que a identidade consiste da resposta à pergunta “Quem sou eu?” possivelmente Ciampa tirou de um teste quantitativo clássico proposto por Kuhn e MacPartland na década de 1970, o *Twenty Statement Test* (que ficou conhecido como o teste do “Quem sou eu?”), que ele cita em sua dissertação de mestrado (Ciampa, 1977). Todavia, nos seus estudos durante o doutorado ele recoloca essa questão numa abordagem qualitativa, a resposta à pergunta “Que eu sou?” sendo articulada como a narrativa autobiográfica do ator social. Em suas palavras:

a primeira observação a ser feita é que *nossa identidade se mostra como a descrição de uma personagem* (como em uma novela de TV), cuja vida, *cuja biografia aparece numa narrativa* (uma história com enredo, personagens, cenários, etc.), ou seja, como personagem que surge num discurso (nossa resposta, nossa história). (Ciampa, 1984/2012, p. 60, grifo nosso)

Será pela via dos métodos qualitativos que Ciampa esboçará sua concepção narrativa de identidade: o que é referido pelas descrições e ações do ator social sobre sua história de vida e que toma a forma de narrativa.

Nas narrativas de sua própria história de vida, onde acontece um fenômeno linguístico curioso, o autor/ator e o personagem principal são os mesmos, sobrepõem-se.

Lima (2010), ao aproximar Mead e Ciampa, nota que, segundo Mead (1934/1992), o Self é vivenciado como Eu e como Mim – o Eu como autor das ações no mundo e o Mim como observador e relator para si e para os outros das próprias ações. Ou seja, o Eu enquanto autor e o Mim com próprio personagem. Lima, assinala ainda, que ao realizar essa aproximação, mesmo que indiretamente pela influência dos estudos meadanos em Sarbin, Berger e Luckmann, Ciampa (1984/2012) iniciou, no Brasil, a crítica às noções essencialistas de identidade, a crítica à identidade por substantivos (“sou brasileiro”), pela suposição de uma essência prévia, um núcleo identitário (“brasilidade”), o qual “nos tornaria um sujeito imutável, idêntico a si-mesmo, manifestação daquela substância” (Ciampa, 1984/2012, p. 64). Entretanto, permanecia aberta a questão de como o indivíduo, pelos rótulos, refere-se como pertencente aos grupos que participa, como família, profissão, gênero, *etc.*, e como constrói sua identidade.

Ciampa trabalhou, em “*A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social*” (1987/2005), sua tese de doutorado, o problema de como a identidade de um indivíduo é geralmente tomada como um traço estático de seu ser ou como uma substância que lhe seria inerente, como se a identidade fosse algo que necessariamente o aprisionasse num modo de vida de uma forma mais aprofundada. Analisando as narrativas de Severino² e de Severina³, Ciampa demonstrou que, pelo contrário, a identidade é algo que muda. Com a autobiografia de Severina, Ciampa constrói, pelas diferentes “personagens” que adota e abandona ao longo de sua vida, a tese de que a Identidade é mutável e concreta: “identidade é metamorfose. E metamorfose é vida” (1987/2005, p. 133). Ao invés de substância, as narrativas da identidade expressam um momento, o tempo de uma história, tanto particular quanto coletiva, na qual o indivíduo, pelos papéis sociais que desempenha conforme seus *scripts*, protagoniza personagens por seus

2 Personagem fictício do poema “Morte e vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto.

3 Nome atribuído a pessoa real entrevistada por Ciampa em sua pesquisa.

interesses e criações (Furlan, Lima, & Santos, 2015). A personagem, como expressão da identidade, apresenta constantes transformações pelos seus diferentes reconhecimentos advindos dos outros: como a Severina-louca, frente ao marido que a explorava, ou a Severina-doente, diagnosticada pelo médico (Lima, 2010).

Vale salientar que narrativas não são objetos, mas a própria metodologia. Como via crítica de pesquisa, as narrativas autobiográficas materializam as metamorfoses da identidade de um indivíduo, e assim expressam a dimensão singular e particular das vivências, bem como representam a dimensão universal dos acontecimentos mais amplos da esfera social. Por ambas, chegamos ao “objeto” de análise crítica: como as condições materiais e culturais em que a metamorfose se insere, ou foi inserida, incidem sobre a identidade do indivíduo e de seu viver, ultrapassando uma individualidade e evidenciando as condições da socialização. Por exemplo, seja a questão da violência contra a mulher e a sua então falta de direitos, ou mesmo as contradições do sistema de saúde pública da época e o tipo de reconhecimento social dado pelos médicos, até a proposição de novos valores de vida, a narrativa de Severina apresenta as diferentes personagens representadas nas suas interações com os outros, ou seja, na relação *entre* indivíduo e sociedade. Tal relação insere a questão da identidade como uma questão política, conforme o autor: “as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela. A questão da identidade, assim, deve ser vista não como questão apenas científica, nem meramente acadêmica: é sobretudo uma questão social, uma questão política” (Ciampa, 1987/2005, p. 127).

Dentre o acervo conceitual de Ciampa (1987/2005), o conceito de “personagem” é talvez o mais importante para a concepção de identidade-metamorfose do autor/ator. Diferenciando “personagem” de “papel”, Ciampa “prova” sua tese pela atividade de um ator social em sua história de vida: “o resultado dessa identificação é uma metamorfose miraculosa’ (aqui isso pode ser traduzido como identidade-metamorfose expressa como personagem representado por um ator e aqui já afirmado que metamorfose é vida)” (Ciampa, 1987/2005, p. 200-201). Ou seja, dentro de um papel social, como um universo simbólico específico, o indivíduo, como ator social,

“encarna” uma personagem, articulando entre seus interesses pessoais e expectativas sociais: “O papel possui um conjunto de normas para a ação e a representação é a encarnação desse papel, a execução dele, e que você sempre representa de acordo com alguma personagem.” (Carone, S/D, p. 3). O ator passa a ser encarado como personagem na narração, e assim conseguimos distinguir qual seu papel, que pode inclusive ser comum a de outros personagens.

Mesmo com ideias originais, Ciampa busca “fundamentações teóricas” para suas discussões, aproximando-se de Jürgen Habermas, o qual à época trazia uma perspectiva materialista-histórica. Especificamente, Ciampa aproximou sua concepção de Identidade-Metamorfose com o conceito de Identidade Pós-convencional do livro *Para a reconstrução do materialismo-histórico* (Habermas, 1976/2016), segundo o qual o indivíduo ultrapassa os modos convencionais da racionalidade instrumental para construir modos de viver mediante a articulação de racionalidades comunicativas, por criação de formas de vida livres e politicamente comprometidas com os outros. A aproximação de ambos perdurará em relações teóricas e implicações epistemológicas de Ciampa e, no futuro, de seus colaboradores, ao ponto de Habermas se tornar a referência de uma Teoria Crítica da Sociedade para o Sintagma identidade-metamorfose-emancipação (Souza Filho & Santos, 2017; Souza Filho, 2017).

Com “*A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social*” (1987/2005), Ciampa efetiva seu pioneirismo com a construção de uma teoria da identidade humana dentro de uma psicologia social comprometida com a crítica das condições históricas da presente sociedade capitalista. Como Doutor em Psicologia Social e professor da PUC-SP, Ciampa integrará o corpo docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP, de onde fora aluno e orientando de Lane (Souza Filho, 2017). Na Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC-SP, na linha de pesquisas “Estudo crítico-epistemológico das categorias analíticas da psicologia social”, Ciampa prosseguiu fortalecendo sua proposta teórica, com o sintagma Identidade-Metamorfose, colaborando com o fortalecimento da Psicologia Social Crítica inaugurada por Lane. Enquanto líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas sobre a Identidade

Humana, pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Identidade-Metamorfose – NEPIM, Ciampa aprofundou e sistematizou sua teorização sobre os processos de formação e transformação da identidade humana enquanto uma metamorfose nas sociedades contemporâneas e nos contextos de luta contra as formas de cooptação capitalista, em prol de novas formas de vida pela emancipação.

ANTONIO DA COSTA CIAMPA EM SUA TERCEIRA FASE: A PROPOSIÇÃO DO SINTAGMA IDENTIDADE-METAMORFOSE-EMANCIPAÇÃO

Em 1999, no XX Encontro nacional da ABRAPSO, Ciampa proferiu a palestra “*Identidade: um paradigma para a psicologia social?*”, em que discutiu como o capitalismo produz consumidores cada vez mais ávidos por novos produtos e o quanto, dentro de sua racionalidade instrumental, interessava a ideia de metamorfose. Com o avanço tecnológico, a flexibilização das relações de trabalho e as flutuações do mercado financeiro, não se sustentariam mais projetos de vida em que o indivíduo seguisse apenas uma única trajetória. A necessidade de metamorfose torna-se um ditame mercadológico pelo discurso de “Ou você se adapta, ou morre”. Assim, a proposição de que identidade é metamorfose, por si, não seria suficiente para abordar criticamente o avanço da lógica sistêmica sobre o mundo da vida, substituindo os valores éticos, estéticos e afetivos das relações interpessoais pela lógica de exploração do outro, o “toma lá, dá cá” inerente ao capitalismo.

Temos um salto qualitativo, um momento emblemático da metamorfose do pensamento de Ciampa, quando este estabelece uma interessante crítica a seu próprio postulado de metamorfose humana. Reconhece que sua proposição delineava uma visão sobre a construção das identidades como um movimento linear pelo qual a sua condição metamorfoseante intrinsecamente indicaria um estado de “vida boa” quando ultrapassasse as convenções capitalistas das relações instrumentais. Ou seja, Ciampa restringira seu pensamento a uma análise do processo de individualização, sem perceber que “O próprio capitalismo também sofre drásticas

transformações, que configuram novas formas de sociabilidade e, por consequência, novas formas de dominação e captura das subjetividades.” (Souza Filho, 2017, p. 58).

Com as novas configurações do capitalismo tardio, pelas suas formas de administração social, pelas relações tecnológicas e pelo consumismo, a metamorfose tornou-se uma condição de adaptação e ajustamento às convenções utilitaristas de existência e lógica da eficiência, típicas das economias liberais. Esse impasse “era o momento de realizar a análise do sentido que as metamorfoses estavam seguindo: emancipação ou resignação frente aos ditames do mercado.” (Lima, 2010, p. 152). Logo, Ciampa necessitou tornar mais complexa a discussão, para além das vicissitudes da subjetividade, expressas nas metamorfoses da identidade, com a análise dos pressupostos intersubjetivos de uma cultura e sociedade que estruturam os processos de regulação capitalista, por onde as metamorfoses lutam por sua emancipação. Em outras palavras:

Compreender a constituição das subjetividades pelas pesquisas sobre a metamorfose humana requer problematizar as condições e as estruturas intersubjetivas que possibilitam a emergência/repressão das formas de vida no mundo. São estes os aspectos que levam Ciampa a introduzir duas novas categorias para seu projeto teórico-metodológico: a política de identidade e as identidades políticas. (Souza Filho, 2017, pp. 58-59).

Como resultado, nos primeiros anos do século XXI, o sintagma “identidade-metamorfose” foi ampliado para “identidade-metamorfose-emancipação” (Lima & Ciampa, 2012; Lima, 2010). Tal ampliação foi importante para enfatizar a orientação política dos estudos de identidade em Psicologia Social: os estudos sobre identidade devem ser mais que uma descrição de características identificatórias, não sendo suficiente compreender só a história de um indivíduo ou de um grupo. Estudar identidade é analisar os processos de alienação-emancipação dentro da dialética individuação-socialização, buscando compreender a política da sociedade em que o indivíduo está e como os polos indivíduo-sociedade se determinam mutuamente, para se propor mudanças ao que está estabelecido.

No I Congresso Brasileiro de Psicologia: *Ciência e Profissão*, realizado em 3 de setembro de 2002, Ciampa (2002) apresentou a comunicação “Políticas de Identidade e Identidades Políticas”. Nesse trabalho, o autor formaliza as primeiras acepções sobre a condição política das identidades quando discute suas condições de constituição, pelas possibilidades de sua metamorfose e suas sintonias às condições sociais de uma cultura, a qual viabiliza ou não os modos de relação entre o indivíduo e a sociedade. Assim, analisar as metamorfoses de uma identidade, enquanto condição subjetiva, implica em criticar os seus pressupostos socioculturais, articulados intersubjetivamente, que viabilizam, ou não, as formas de vida que os indivíduos poderão dispor como suas.

Sobre as condições políticas das metamorfoses em busca de emancipação, Ciampa (2002) introduz Políticas de Identidade e Identidades Políticas enquanto categorias analíticas nos estudos com narrativas de história de vida. Tais categorias serviram para destacar que a metamorfose não se tratava de processo automático e linear, mas adviria das lutas e (sobre) vivências dos indivíduos na sociedade, com seus grupos e instituições que articulam uma cultura.

A questão das políticas de identidade de grupos envolve a discussão sobre autonomia (ou não), que se transforma para os indivíduos em indagações sobre autenticidade (ou não) de identidades políticas, talvez refletindo duas visões opostas, dependendo de se colocar a ênfase na igualdade – uma sociedade centrada no Estado – ou na liberdade – uma sociedade composta de indivíduos. (Ciampa, 2002, p. 1).

Assim, discutindo as políticas de identidade, Ciampa (2002) deu ênfase nas relações de autonomia e heteronomia nas interações entre os indivíduos e os grupos de que fazem parte. Trata-se de questionar o quanto pode existir no interior de grupos sociais, ou mesmo dentro do sistema social, autonomia para se construir identidades para além das expectativas e prescrições que o grupo estabelece e homogeneiza por sua identidade coletiva. Nesse contexto, Ciampa critica a predominância da heteronomia na cultura capitalista, fundida com a racionalidade instrumental, onde os sujeitos devem se adequar à lógica do consumo pela reprodução. Por

elas, as políticas de identidade operam uma racionalidade instrumental, por grupos, normas, instituições e papéis, para a administração social dos indivíduos, especialmente pelas viabilidades, formais e ou informais, e pelas qualidades, saudáveis ou patológicas, de suas adaptações.

Ciampa (2002) também questionou os modos de participação dos indivíduos no interior das políticas de identidade vigentes no capitalismo. Ao tratar das metamorfoses da Identidade política, Ciampa trata da propriedade das escolhas dos indivíduos, concomitante à apropriação das respectivas consequências de suas decisões. Inspirado em Habermas, Ciampa defende que as Identidades Políticas são projetos de vida questionadores das formas de vida que os indivíduos dispõem para viver como legítimas ou desautorizadas, precisamente, buscam evidenciar as implicações de escolhas particulares nas construção ou manutenção de ações, organizações e sistemas coletivos em que estamos/vivemos (Lima & Ciampa, 2012; Lima, 2012). Ou seja, a ação do indivíduo também é discutida, não como culpabilização, mas sobre sua condição de autor de sua história e ator protagonista de suas ações.

Pelas categorias de Identidade Política e Políticas de Identidade, Ciampa oferece novas ferramentas teóricas sobre as condições histórico-culturais que existem em uma cultura capitalista, especialmente com suas formas de dominação utilitarista e consumista. Vale situar que, por seus indícios teóricos, temos também ferramentas metodológicas para a análise das histórias de vida como materialidade das metamorfoses da identidade humana. Justamente na compreensão das formas de vida das identidades que Ciampa ainda aposta encontrar os fragmentos de emancipação por onde poderemos articular e construir as vias emancipatórias. Precisamente, é em 2003, com a conferência “*A Identidade Social como Metamorfose Humana em Busca da Emancipação: Articulando Pensamento Histórico e Pensamento Utópico*”, no XXIX Congresso Internacional de Psicologia, da Sociedade Internacional de Psicologia, Lima-Peru, que as questões da emancipação são definidas enquanto projeto ético a ser concretizado. Ou seja, quais possibilidades *há* dentro das políticas de identidade para se assegurar a autonomia necessária para a construção de indivíduos responsáveis por suas implicações políticas com outros indivíduos? Como construir formas

alternativas de ultrapassar as formas de dominação orientadas pelas ideias utópicas de emancipação? Para essas questões as “respostas” encontram-se nas condições históricas em que vivemos e pensamos.

Se a emancipação como projeto ético é o sentido a ser concretizado, essa concretização só ocorrerá a partir de projetos políticos. Se é o pensamento histórico que nos permite criticamente analisar os acontecimentos, é o pensamento utópico que nos serve de referencial para a crítica. (Ciampa, 2003, p. 5).

SUA QUARTA FASE: CIAMPA E OS COLABORADORES DO SINTAGMA IDENTIDADE–METAMORFOSE–EMANCIPAÇÃO

Com os anos de docência dentro da Pós-graduação em Psicologia Social da PUC-SP, Ciampa orientou uma grande amplitude de pesquisas que permitiram testemunhar histórias de vidas em suas lutas por emancipação. Especificamente, estamos falando dos encontros semanais do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Identidade-Metamorfose – NEPIM, onde Ciampa e seus alunos produziram conhecimento crítico que viabilizava desnaturalizar a realidade, indicando fragmentos de emancipação. Foi a partir desse grupo que Ciampa construiu seu pensamento, ou seja, identidade-metamorfose como uma das categorias analíticas da Psicologia Social Crítica (Ciampa, 2003; Lima, 2012).

Entretanto, as críticas que Ciampa fez ao seu próprio pensamento também reverberaram entre seus orientandos inquietos sobre as condições políticas das identidades e as possibilidades de emancipação humana. Do postulado da “metamorfose em busca de emancipação” outras formas originais de discutir a identidade humana colaboram com o pensamento de Ciampa na construção do Sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação como perspectiva de identidade da Psicologia Social Crítica (Lima, 2010). Especificamente, junto à proposição da identidade-metamorfose, definida inicialmente como categoria, passaram a coexistir outras proposições teórico-metodológicas, com contornos e articulações de críticas às condições de (sobre)vivência humana.

O primeiro desdobramento efetivo do pensamento de Ciampa veio com a tese de Juracy Almeida (2005) intitulada *Sobre Anamorfose: identidade e emancipação da velhice*. Para a crítica das metamorfoses das identidades, Almeida dá maior robustez às discussões políticas do sintagma quando constrói um maior arcabouço teórico das categorias políticas de identidade e identidades políticas. Para tanto, recorre às reflexões do fenômeno físico da anamorfose⁴ para situar o processo de distorções, borramento e/ou deformação das metamorfoses da vida dos indivíduos.

A noção de anamorfose é usada para pensar o significado atribuído a identidades pessoais e grupais que se contrapõem às disposições societárias, ou que reclamam por uma flexibilização delas, mas que são interligadas a estas como se o domínio de realização de uma fosse o contradomínio de realização da outra. Além disso, a noção é utilizada para pensar o modo como as pessoas percebem tanto as identidades que discrepam dos modelos considerados normais, que ultrapassam os limites consensuais, ou, por oposição, para designar estes modelos quando sentidos como limites cerceadores da expressão de formas identitárias alternativas. (Almeida, 2005, p. 32).

As questões de identidade, que por muito tempo discutiam aspectos da subjetividade humana pela categoria da metamorfose, passam a ter, a partir da tese de Almeida (2005), uma discussão sobre o quanto e como uma dinâmica de sociabilidade dentro uma topografia social são referências estruturantes na construção das histórias de vida e, por consequência, são condições e modos de suas metamorfoses. Especificamente, trata-se dos pressupostos intersubjetivos, sedimentados na história de uma cultura e reificados dentro das instituições de uma ordem social, que produzem todo um conjunto homogêneo de papéis e *scripts* sociais, com os quais os indivíduos articularão suas individualidades.

Ao discutir as tensões da colonização do Mundo da Vida pela Ordem Sistêmica a partir da Teoria Crítica habermasiana (Habermas, 2012/1981), Almeida (2005) aprofundou o conceito do Sintagma

4 “A realização do possível depende, contudo, de que os papéis sociais e os modelos enrijecidos venham a ser sentidos, vistos e tratados como anamorfozes dos seres humanos; depende de que eles deixem de aprisionar os indivíduos para se transformarem efetivamente, como deveria ser sempre, em produtos do reconhecimento das alteridades e, o que dá no mesmo, em produtos do reconhecimento e do diálogo dos sujeitos que todos podem ser.” (Almeida, 2005, p. 117).

Identidade-Metamorfose-Emancipação. Especificamente, o autor observa como, nos processos de individuação na dialética entre mesmice e mesmidade, os indivíduos encontram nas suas experiências cotidianas, nos seus mundos vividos, diversas referências de sentido e significado, os quais são necessários para a construção de suas narrativas de história de vida. Assim, Almeida (2005) deu destaque a como se dão as construções das identidades e suas possibilidades e modos de metamorfose, complementando as discussões que Ciampa levantou sobre identidades políticas e políticas de identidade.

Do ponto de vista das categorias privilegiadas, tais políticas de identidade visam colocar as outras categorias em seus “devidos lugares” sociais, (con)formar identidades, presentificar identidades subordinadas (e, por oposição, identidades superiores), as quais devem ser assumidas em nome da reprodução do sistema social estabelecido. Essas políticas são, por consequência, políticas regulatórias que visam cristalizar os papéis e os lugares sociais, assim como as correspondentes identidades dos indivíduos. (Almeida, 2005, p. 132).

Sobre as questões políticas que atravessam a regulação das identidades, poderíamos inferir que Almeida privilegia, em suas discussões, o quanto as identidades estão diretamente atravessadas pela macropolítica de uma cultura e sociedade, as quais engendram os pressupostos socioculturais que reificam os sentidos e significados das identidades. A título de ilustração, a cultura de medicalização/patologização da vida dispõe formas e padrões pelos quais sofrimentos e angústias são significados como doenças a serem “tratáveis” pelo consumo de medicamentos, especialmente quando os próprios indivíduos demandam de diagnósticos enquanto um conhecimento válido que traduza aquilo que vive. Entretanto, nos modos como sentidos são sedimentados nas experiências, no reconhecimento de cada metamorfose, as questões cotidianas constituem outro importante prisma sobre o caráter político das identidades. Especificamente, refere-se às vias de escape que o indivíduo constrói frente aos pressupostos de significados que a cultura oferece, criando significações particulares que discrepam do

normal e do comum. Precisamente sobre os modos de reconhecimento das questões políticas das identidades será por onde teremos importantes contribuições e inovações teóricas.

Dando seguimento à tese de Ciampa, Aluísio Lima (2010) buscou ampliar a discussão sobre o sintagma “identidade-metamorfose-emancipação”, ressaltando o peso que determinados processos de reconhecimento social podem ter na constituição da identidade. Notamos que Lima (2010) parte nesse trabalho já da noção de que identidade é metamorfose em busca de emancipação. Assim, o autor destacou a influência de um determinado fenômeno, o reconhecimento social, na configuração de outro fenômeno, a identidade. Especificamente, este pesquisador abordou a história da saúde mental brasileira e como são reconhecidas socialmente pessoas identificadas como “doentes mentais”. Em sua tese, analisou as histórias de vida de três pessoas diferentes, apontando as circunstâncias em que essas pessoas estavam, os outros com quem elas se relacionavam e os reconhecimentos que elas recebiam desses outros. A partir dessas histórias de vida, Lima (2010) discutiu os efeitos que os diagnósticos psiquiátricos tiveram na vida dessas pessoas e como elas eram tratadas a partir daquele rótulo diagnóstico. Percebemos, com sua análise, a maneira como o rótulo diagnóstico, um tipo de reconhecimento, passa a ser um determinante da identidade. Lima então chamou de “reconhecimento perverso” o reconhecimento social que se dá aos indivíduos a partir de categorias estigmatizantes.

Quando Lima (2010) fala de “reconhecimento perverso” daquele identificado como “doente mental” está se referindo a oferta de garantia de direitos (reconhecimento social) realizada com uma função tática, seguindo uma racionalidade instrumental e estratégica, baseada apenas na defesa de interesses econômicos e políticos daquele que reconhece e não do sujeito que é reconhecido. A consequência de um reconhecimento perverso seria a manutenção do estigma (no sentido de Goffman), aprisionando o sujeito em uma identidade que, na verdade, lhe priva de vários outros direitos.

Tentaremos interpretar essa posição como o núcleo de uma teoria de identidade capaz de explicitar como o desenvolvimento da identidade sofre fortes investidas dos discursos técnico-psicológicos – lembramos que incluímos aqui o discurso psicanalítico, psicológico e psiquiátrico acerca do ideal de

normal e patológico – que, por sua vez, tendem a reduzir a complexidade da identidade a personagens fetichizadas, sustentadas por um reconhecimento perverso. (Lima, 2010, p. 137).

Ainda na esteira de Ciampa, Lima tem desenvolvido suas pesquisas sobre os atravessamentos instrumentais do capitalismo contemporâneo nas (im)possibilidades de metamorfose das identidades e, conjuntamente, os seus reconhecimentos, pelas pesquisas que movimentam o Parallaxe: Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica. Para além do título do referido grupo de pesquisa, parallaxe também se refere ao estilo de trabalho interdisciplinar que Lima (2018) vem articulando conjuntamente com as pesquisas de seus orientandos de graduação, mestrado e doutorado no departamento de psicologia da Universidade Federal do Ceará. Essas pesquisas não apenas continuam suas análises dos “efeitos do diagnóstico para as metamorfoses das identidades”, mas ampliam essa análise para as diferentes violências éticas (Adorno, 2001; Butler, 2015) direcionadas aos sujeitos em suas metamorfoses, em suas convocações cotidianas para assumir determinadas identidades e formas de vida.

Enquanto atitude crítica, parallaxe configura o trabalho colaborativo das diferentes pesquisas orientadas por Lima (2018). A partir de suas especificidades temáticas, pelas singularidades metodológicas e perspectivas teórico-epistemológicas, o grupo busca compreender as diferentes formas de construção das individualidades, mediante uma análise crítica da (in)viabilidades de socialização da cultura contemporânea. Logo, discutir as metamorfoses da identidade demanda problematizar como diferentes atravessamentos, tais como o consumo, as tecnologias, as artes, a economia, as interseccionalidades, afetam não só a vida dos sujeitos mas a própria sociedade, a partir do uso de alegorias produtoras de uma estética, uma imagem, e delineiam em seus gestos os enquadramentos para formas de dizer, de fazer e de intervir, colaborando com a administração biopolítica dos corpos.

O interesse que mobiliza as pesquisas sobre as metamorfoses da Identidade, desenvolvidas pelo NEPIM e pelo PARALAXE,

ilustram o potencial teórico-metodológico crítico do sintagma Identidade-metamorfose-emancipação dentro e fora da psicologia social. Sua atualidade, enquanto perspectiva teórica da psicologia social crítica para as discussões de Identidade humana, configura mais um momento de uma história. Inicia com a empreitada de Ciampa de iniciar os estudos sobre identidade no Brasil, com sua pesquisa de mestrado. Ele inovou com a metodologia das narrativas autobiográficas de Severina quando constituiu a categoria identidade-metamorfose pela teoria das metamorfoses da identidade. Ganhou solidez na psicologia social brasileira com os anos de pesquisas e docência no Programa de Estudos Pós-graduados de Psicologia Social da PUC-SP, transformando a categoria no construto da “Metamorfose em busca de Emancipação” enquanto norte crítico dos estudos e pesquisas do Sintagma Identidade-metamorfose-emancipação. Implica, hoje, em discutir a metamorfose enquanto a perspectiva de projeto teórico-metodológico da psicologia social crítica, para o qual as categorias de Anamorfose e Reconhecimento Perverso, de Almeida e Lima, respectivamente, contribuem na crítica das condições e viabilidades de construção de individualidades na cultura contemporânea.

À guisa de conclusão, esperamos que, pela trajetória desenvolvida ao longo do texto, tenhamos oferecido ao leitor a possibilidade de reconhecimento das metamorfoses do percurso intelectual de Ciampa, através de suas significantes contribuições para construção da psicologia social. Tomar a história de seu percurso como objeto de discussão nos oportuna conhecer as condições, viabilidades e limites do Sintagma Identidade-metamorfose-emancipação enquanto um produção humana, de Ciampa, implicada pelas condições históricas de suas relações sociais com instituições, como a PUC, e com outros humanos, seus diversos alunos/orientandos e atuais colaboradores. Enfim, as metamorfoses da teoria de Ciampa “traduzem” o devir crítico que compõe o sintagma apresentado pelo autor, posto que Identidade é Metamorfose em busca de Emancipação. Como é possível perceber, ela não se trata de uma teoria fechada, concluída, mas uma provocação ao pensamento e à ação, que convida para que participemos de sua infundável (re)construção.

REFERÊNCIAS

- Adorno, T. W. (2001). *Problems of Moral Philosophy*. Stanford: Stanford University Press.
- Almeida, J. A. M. (2005). *Sobre Anamorfose: identidade e emancipação na velhice*. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Berger, P. L., Luckmann, T. (1974/2009). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes.
- Butler, J. (2015). *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Carone, I. (S/D). *Análise epistemológica da tese de doutoramento de Antonio da Costa Ciampa: A estória de Severino e a História de Severina*. (manuscrito pessoal).
- Ciampa, A. C. (1977). *Identidade e suas relações com a Ideologia*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Ciampa, A. C. (1999). Identidade: um paradigma para a psicologia social?. *XI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO*. Florianópolis.
- Ciampa, A. C. (2002) Políticas de Identidade e Identidades Políticas. Em: C. I. L. Dunker, & M. C. Passos (Orgs.). *Uma psicologia que se interroga: ensaios* (pp. 133-144) São Paulo: Edicon.
- Ciampa, A. C. (2003). A Identidade social como metamorfose humana em busca de emancipação: articulando pensamento histórico e pensamento utópico. *Anais do XXIX Encontro da Sociedade Interamericana de Psicologia – SIP*. Lima, Peru.
- Ciampa, A. C. (1987/2005). *A estória do Severino e a História da Severina*. São Paulo: Brasiliense.
- Ciampa, A. C. (1984/2012). Identidade. Em: S. Lane, & W. Codo (Orgs.), *Psicologia Social: o homem em movimento* (pp. 58-77). São Paulo: Brasiliense.
- Berger, P. L., Luckmann, T. (1974/2009). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Furlan, V., Lima, A., Santos, B. O. (2015). A permanência no tempo e a aparência de não-metamorfose: contribuições de Ricoeur e Ciampa para uma crítica da identidade. *Revista de Psicologia da UFC*, 6, 29-39.
- Gonçalves Neto, J. U. (2015). *As Identidades da "Identidade": Sobre os diferentes usos e significados do conceito "Identidade" na Psicologia Social* (Dissertação de Mestrado). Universidade federal do Ceará, Fortaleza.
- Habermas, J. (1989/2012). *Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Habermas, J. (1976/2016). *Para a reconstrução do materialismo histórico*. Tradução Rúrion Melo. São Paulo: Editora Unesp.
- Lane, S. T. M.; Codo, W. (1984/2012). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- Lima, A. F. (2010). *Metamorfose, Anamorfose e Reconhecimento Perverso: a identidade na perspectiva da psicologia social crítica*. São Paulo: FAPESP, EDU.
- Lima, A. F. (2012). A identidade como "problema" de pesquisa. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 2, 215-229.
- Lima, A. F. (2018). Coisas frágeis: metamorfose, alteridades e reconhecimento na perspectiva da Psicologia Social Crítica. Em: A. F. Lima, I. M. P. Germano, I. B. Sabóia, & J. C. Freire (Orgs.). *Sujeito e Subjetividades Contemporâneas: estudos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC* (pp. 29-60). Fortaleza: Edições UFC.
- Lima, A. F., & Ciampa, A. C. (2012). Metamorfose humana em busca de emancipação: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. Em: A. F. Lima (Org), *Psicologia Social Crítica: paralaxes do contemporâneo* (pp. 76-84). Porto Alegre: Sulina.
- Lindzey, G. & E. Aronson, E. (Eds.), *Handbook of social psychology* (Vol. I). Reading: Addison-Wesley.
- Mead, G. H. (1934/1992). *Mind, Self, & Society: from the standpoint of a Social Behaviorist*. Londres, University Chicago Press.

- Sarbin, T. R., & Allen, V. L. (1968). Role theory. Em: G. Lindzey & E. Aronson (Eds.), *Handbook of social psychology* (Vol. I, pp. 488-567). Reading: Addison-Wesley.
- Souza Filho, J. A. (2017). *A metamorfose humana no mundo da vida: reconstruções epistemológicas da perspectiva de identidade da psicologia social crítica*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Souza Filho, J. A., & Santos, B. O. (2017). O sintagma identidade-metamorfose-emancipação e sua relação com o construto mundo da vida. *Psicologia & Sociedade*, 29(e), 1-9.

Recebido em 28/04/2020

Aceito em 30/10/2020